

A Tradição Secular da “Ementa das Almas” em Loriga

(Síntese da Memória Final da Licenciatura em Ensino – Educação Musical)

Quando Começou ?...

Estes Cânticos que fazem parte da “Ementa das Almas” (Encomendação das Almas, na sua designação mais corrente) existem em Loriga, pelo menos desde o Séc. XVIII, de acordo com os testemunhos de alguns dos mais velhos participantes neste ritual.

Entoados nos primeiros tempos por vozes, juntou-se-lhes o instrumental, a partir do momento em que surgiu na vila uma banda de música – 1906.

A “Ementa das Almas” é, no fundo, uma versão popular da “Liturgia dos Mortos” da Igreja Católica.

O certo é que, embora com dificuldade, em Loriga, esta tradição vai-se mantendo.

Todos os anos, nas madrugadas de Sábado para Domingo, durante a Quaresma, o silêncio da noite é quebrado pelo ecoar dos Cânticos da “Amenta das Almas”, graças à boa vontade de uns tantos (não muitos) Loriguenses, que teimam em manter viva esta tradição.

Durante cerca de 2 horas, entre as quatro e as seis, desenrola-se este diálogo cantado, por vários

The image shows a musical score titled "Partitura 1 Amenta das Almas - Loriga". It is a single melodic line in 4/4 time, spanning 14 measures. The score is written on a single staff with a treble clef. The key signature has one sharp (F#). The music consists of eighth and sixteenth notes, with some rests. The score is enclosed in a red rectangular border. Above the staff, the title "Partitura 1" is on the left, and "Amenta das Almas - Loriga" is centered. Below the title, it says "Cantada na Quaresma em Loriga". On the right side, it says "Religioso Popular" and "Recolha de Pinto Gonçalves".

homens que subindo aos pontos mais altos da vila, despertam o povo que dorme, para a recordação dos que já morreram. Aqui e ali, o diálogo é interrompido por uma badalada do sino da torre da Igreja, onde se encontra um dos participantes neste ritual, seguido de um período de silêncio – o necessário para que se reze um Pai nosso... uma Avé Maria... .

Apresentamos aqui a melodia que suporta este ritual (*Partitura 1*). Para além desta melodia, salientamos na tradição de Loriga

“Os Martírios” (*partitura 2*)¹, cantados Sexta Feira Santa.

¹ As partituras apresentadas não podem ser vistas como uma reprodução fidedigna do que se canta em Loriga. Até porque, tratando-se de exemplos de **canto não medido**, como diz Lopes Graça (cit. p.21) e com um texto tão diverso ao nível da métrica, é muito difícil reproduzir-se em escrita musical.

No final deste diálogo, o grupo junta-se no adro da Igreja e inicia-se uma outra fase deste Rito. a “arruada”.

Esta é uma espécie de “Via Sacra” realizada pelo grupo de homens que canta a “ementa” e mais alguns que se lhes juntam, posteriormente, para aumentar o número de vozes e assim, melhor se fazem ouvir pelos que não acordaram.

Na arruada, cantam-se os “Passos” dando conta das várias etapas do caminho de Cristo até ao Calvário. Trata-se, como já dissemos de uma espécie de “Via Sacra”, cantada pelo grupo, no final da “Ementa”.

Sexta Feira Santa, durante a arruada canta-se a “Mãe Dolorosa”, cântico que lembra as dores que Maria sentiu pela paixão e morte do seu Filho.

Esta tradição mantém-se, independentemente das condições climatéricas. O período quaresmal, normalmente em Fevereiro e Março, é tempo de grandes nevões na região da Serra da Estrela. Mas, nem mesmo os nevões impedem que se cumpra a tradição. Embora Loriga tenha um razoável numero de população jovem,

esta não se mostra muito interessada por estas tradições. Assim é muito natural que venha a perder-se a curto prazo.

The image shows a musical score for a piece titled "Martírios". The score is written on a single staff in 4/4 time, starting with a treble clef and a key signature of one flat (B-flat). The tempo is marked "60 B. pm". The score consists of six lines of music, with measure numbers 1, 4, 9, 13, 16, and 19 indicated at the beginning of each line. The music is a simple, rhythmic melody. Above the staff, the title "Martírios" is written in a bold, serif font. Below the title, it says "Cantado na Semana Santa em Loriga". In the top right corner, there is a small number "1". In the bottom right corner, it says "Religiosa Popular" and "Recolha de Pinto Gonçalves". The entire score is enclosed in a red rectangular border.

Como Situar a Tradição?

Desde muito cedo, ainda na infância, este ritual marcou-nos de uma forma que, na altura não conseguíamos explicar.

Com o decorrer dos anos, envolvemo-nos com aqueles que, madrugada dentro cumpriam religiosamente, todos os anos, esta tradição.

Assim, cedo nos apercebemos de que as melodias da “Ementa das Almas” fugiam um pouco à sonoridade que estávamos habituados a ouvir.

Pensávamos:- Isto deve estar desafinado!...

Mais tarde, com o evoluir dos nossos conhecimentos musicais, começámos, finalmente, a perceber que não se tratava de desafinação, mas de uma técnica de composição diferente

É aqui que surge a ideia de deslindar a origem desta tradição. Não de uma forma superficial, mas de algo mais profundo, indo mesmo às origens mais remotas.

Para tal, havia que investigar, não só em Loriga, mas noutras terras onde rituais deste género têm lugar.

Assim, a simples curiosidade dá lugar a uma pesquisa sistemática de cariz mais científico.

Como ao longo dos anos fomos recolhendo informação sobre este e outros assuntos que se referem às tradições da região serrana, tradições culturais de uma forma geral, mas com especial incidência nas musicais, não é de estranhar que tenhamos optado por tratar este tema logo que surgiu uma oportunidade de fazer uma investigação na área da Etnomusicologia.

Assim, formulámos o seguinte problema nesta investigação:

- Será a “Ementa das Almas” de Loriga uma tradição secular? E quando se terá iniciado?

Para responder a esta pergunta e solucionar o problema que colocámos, há que atender a um sem número de situações que se prendem com a delimitação desta problemática.

Numa primeira análise, verificamos que o âmbito desta investigação atravessa vários domínios das Ciências Sociais.

Desde logo devemos contextualizar este problema numa perspectiva histórica. Há que curar de saber se Loriga ou outro aglomerado populacional poderiam suportar uma tradição deste tipo ao longo de um determinado período histórico. Isto é, para situarmos a origem deste ritual num dado momento histórico, há que saber se existiam os sujeitos e se os mesmos poderiam ser localizados no espaço ou território a que hoje chamamos Loriga.

Por outro lado, cruzámo-nos com a perspectiva antropológica. De que forma ritualizava o homem o culto dos mortos? Quando e em que condições o começou a fazer? Porquê ritualizar este culto? Que crenças lhe estão subjacentes? Qual o papel da religião nesta ritualização? Como evoluiu a crença na vida para além da morte?

A estas e outras perguntas do mesmo tipo tentámos responder ao longo da nossa investigação.

Até porque sem estas respostas não conseguiríamos contextualizar, do ponto de vista antropológico, o problema que formulámos.

Por fim surge-nos a perspectiva musical ou para sermos mais correctos a perspectiva etnomusical.

E aqui tratámos de procurar pontos de contacto, semelhanças ou diferenças entre técnicas de composição actuais e outras mais ancestrais.

Procurámos fazer a análise de partituras deste e de outros rituais semelhantes e situar as mesmas no tempo e no espaço.

Tínhamos consciência de que seria algo difícil provar com toda a certeza que a tradição da “Ementa das Almas” de Loriga tem origem secular, provavelmente no tempo da Romanização da Península Ibérica.

No entanto, através da investigação e de comparações com melodias e tradições divulgadas por outras fontes, procurámos atingir esse nosso objectivo.

Para atingi-lo, colocámos em cima da mesa várias hipóteses:

Sendo o nosso objectivo situar esta tradição o mais longe possível no tempo, a primeira das hipóteses que colocámos situa-se no período anterior à formação da nacionalidade, na Lusitânia, pois as fontes que consultámos dão-nos conta da existência de uma comunidade no local.

É uma hipótese remota mas nem por isso totalmente descabida, uma vez que, existem vestígios de rituais fúnebres, que remontam a esse período.

Outra das hipóteses, quiçá, a mais credível, situa-se na época da reforma do canto litúrgico - Séc IX.

Dizemos que será a mais credível atendendo à forma de construção de algumas das melodias que, em nosso entender, mantém uma certa semelhança com a construção monofônica e execução responsorial típica do “cantochoão”.

Uma terceira hipótese é aquela que situa o início desta tradição nos Séc XVII ou XVIII. No entanto, esta, à partida, está provada pelos testemunhos recolhidos em Loriga. O “Ti Zé Garcia” homem para 70 e tantos anos, já falecido, que foi a alma deste ritual há duas décadas, dava-nos conta de que foi iniciado nesta tradição pelo seu pai, que por sua vez havia sido iniciado pelo pai dele. Todos os outros participantes neste ritual afirmavam ter sido iniciados pelos pais e estes pelos avós.

Aprofundámos, no entanto, a hipótese que considerámos mais credível, atendendo às características musicais dos cânticos utilizados ou seja, o Séc. IX. Dos dois cânticos que apresentamos, em ambos os casos a construção afigura-se-nos como *modal*. Isto é, sendo *tonal* a música que estamos habituados a ouvir (a música tonal só aparece nos Séc. XVII /XVIII), esta soa-nos aos ouvidos como algo estranho, como se não fizesse parte (como não faz) do nosso quotidiano. É que a música que estamos habituados a ouvir é construída a partir de escalas – tonalidades – porque assentam numa nota que é a **tônica**. Eis a razão porque se chama tonal.

Na Idade Média, a música era *modal*, porque a sua construção assentava em modos. Esses modos eram grupos de sons sobre os quais eram construídas as melodias da época.

Existiam 4 modos chamados Autênticos ou Gregos e 4 modos derivados destes, chamados Plagais ou Eclesiásticos.

A construção melódica dos cânticos que analisámos é tipicamente modal, logo, com origem na época da reforma do cântico litúrgico (Séc. IX). Os Martírios estão construídos no modo Autêntico de Mi, também conhecido por Frígio. A Melodia da “Ementa das Almas” está construída no modo autêntico de Ré, também conhecido por Dórico.

A sua forma responsorial é típica do Cantochoão, nome que era dado ao canto Gregoriano dessa época. Os Melismas (uma só sílaba é entoada ou prolongada pela melodia) também típicos desta época estão presentes em ambos os cânticos com alguma abundância.

Pelas razões apontadas e outras de cariz mais científico, que aqui nos abstermos de abordar, poderemos, efectivamente afirmar que esta é uma tradição que remonta aos primórdios do Cristianismo na Península Ibérica.

Ementar ou Amentar as Almas?

Outra das pistas que seguimos leva-nos à origem do nome deste ritual.

Em Loriga, desde crianças, habituámo-nos a ouvir falar da «Ementa das Almas». Todos aqueles que cumpriam este ritual a ele se referiam desta forma. No entanto, a partir de uma certa altura, começou a constar em Loriga que o termo correcto seria “Amenta” e não “Ementa”.

O curioso desta questão é que uns e outros podem estar certos porque ambos os termos existem e com significados similares.

Segundo Sousa Viterbo², «**amentar**», quer dizer: “*Quando os pastores da Igreja rezam pelos defuntos*”.

No Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora a palavra «**amentar**» surge com o significado de «*Encomendar as Almas*».

No entanto, não quisemos ficar por aqui e fomos procurar a origem das palavras e chegámos a interessantes conclusões.

Segundo o Dicionário Etimológico a palavra «**amentar**», do Latim *amentare* surge pela primeira vez na língua Portuguesa no Séc. XVIII e com o significado de «*prender com correias, atar*».

A mesma fonte refere a palavra «**amentar**», como tendo origem em mente(*lat. Mens mentis*) com o significado de *intelecto, alma espírito*, do Latim *Amens amentis* com o sentido de *que perdeu a mente*.

Mas o mais curioso desta nossa procura é que do ponto de vista da origem etimológica do termo, fomos encontrar o termo «**ementar**», também relacionado com mente, como tendo surgido na língua Portuguesa pela primeira vez no Séc. XIII com o significado de *recordar*.

Perante estes factos poderemos afirmar que termo «**Ementar**» é o que vem de encontro à nossa tese de situar o início deste ritual na Idade Média. Por outro lado, os participantes que há duas décadas atrás diziam que estavam a “Ementar as Almas”, estavam, do ponto de vista do português, cobertos de razão.

Afinal o que é este ritual senão o recordar as almas do purgatório?...

Assim, no caso de Loriga, é mais correcto dizer a “**Ementa das Almas**” e não “Amenta das Almas”.

Pinto Gonçalves

² In, "Elucidário", Sousa Viterbo. Cit. p. Armando Leça, Música Popular Portuguesa, p. 10.